

Migrantes Conectados: Desafios e Possibilidades Etnográficas Para o Estudo de Dinâmicas Migratórias em Rede

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.196.8>

Júlia Afonso Lyra

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura,
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8493-3921>

julialyra@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal discutir alguns desafios e possibilidades trazidos por etnografias do/no digital para estudos situados na interface entre o campo comunicacional e os estudos migratórios. Para tanto, tomamos como ponto de partida uma experiência de pesquisa realizada com influenciadores digitais venezuelanos no Brasil, que adotou uma abordagem multissituada (Marcus, 1995, 2012). Recuperando as principais escolhas, dificuldades e estratégias adotadas, exploramos três eixos de inquietações relacionadas a como recalibrar escalas e situar o campo nos contextos on e offline; como construir relações e definir o grau de participação; e como coletar e sistematizar os dados explorando recursos multimídias. Este caminho revela a necessária adaptabilidade e, sobretudo, reflexividade em torno das condições de produção etnográfica em um cenário de transformações tecnológicas vertiginosas. Conclui-se com a importância de compreender o funcionamento das plataformas digitais, seus agenciamentos e efeitos na vigilância migratória contemporânea. Nesse sentido, argumentamos que o domínio dessas infraestruturas deve se dar à luz de princípios éticos inerentes à sensibilidade em relação ao “Outro”, cuja existência se estende além das telas.

Palavras-chave

migrações, etnografia multissituada, etnografia digital

Introdução

Embora a globalização não seja uma novidade, deve-se destacar a maneira como as trocas humanas foram profundamente transformadas pela mediação das tecnologias digitais nos últimos tempos. A internet e, depois, as plataformas¹ de geração de conteúdos e de redes sociais se tornaram fundamentais para a construção de identidades, envolvendo processos cada vez mais diversos e fragmentados. Esse cenário inaugura desafios ao fazer científico, na medida em que reconfigura os fenômenos socioculturais, entre eles a mobilidade humana. A existência migrante passa a ser moldada pelas mídias, utilizadas desde a busca informacional sobre o destino, manutenção do contato com as origens, até as negociações por pertencimento no novo território. Assim é que, entre espaços de narração de trajetórias e de organização coletiva, as ambiências online não podem mais ser ignoradas na compreensão das migrações contemporâneas, demandando abordagens inovadoras.

Considerando a importância de compartilhar experiências de trabalho empírico em um sentido formativo, esta proposta objetiva discutir alguns desafios e possibilidades trazidas por etnografias do/no digital para estudos situados na interface entre o campo comunicacional e os estudos migratórios. Para tanto, tomamos como ponto de partida nosso percurso de pesquisa com influenciadores digitais venezuelanos no Brasil (Lyra, 2023b). O estudo se filiou a uma abordagem etnográfica multissituada (Marcus, 1995, 2012), assumindo as plataformas de redes sociais YouTube e Instagram como campos de observação. O monitoramento dos perfis, registrado em diário de campo, foi conjugado a entrevistas e conversas informais, todas conduzidas online, com o intuito de compreender de que forma o tornar-se influenciador se constitui como um meio de negociação de pertencimento e o que isso nos diz sobre o momento contemporâneo.

Finalizada a pesquisa, na prática, vislumbramos a pertinência da reflexividade etnográfica para fazer avançar o diálogo entre a comunicação e as migrações, em especial, os estudos que se debruçam sobre processos de subjetivação e sociabilidade migrante online. Com esta proposta, almejamos ir além de um relato de pesquisa, visando contribuir para futuras investigações. No lugar de apresentar resultados (Lyra, 2023a; Lyra & Zanforlin, 2023, 2024), portanto, enfatizamos os caminhos que levaram até eles, o “como” que, delineado por relações e materialidades específicas, pode nortear pesquisas subsequentes. Assim, o artigo se divide em dois momentos: (a) revisão bibliográfica, focada em debates acerca da conectividade migrante e perspectivas etnográficas abertas ao digital; e (b) descrição detalhada das escolhas, dificuldades e estratégias adotadas, visando esclarecer processos e contribuir teórica e empiricamente com o campo.

1 Adotamos aqui o conceito de van Dijck (2013), que entende cada plataforma como um microsistema dotado de lógicas de propriedade, governo, modelo de negócios, conteúdo, usuário e tecnologia particulares, porém cuja interdependência dá origem a uma infraestrutura online mais ampla, que é o ecossistema.

Migrantes Conectados

Falar de migrações hoje exige considerar que elas não existem fora da midiatização e do consumo, devendo ser analisadas à luz da complexificação das trocas globais. Os fluxos de imagens e textos midiatizados, de um lado, e os de pessoas, do outro, acionam um processo de hibridização cultural (Appadurai, 1996/2004), que reformula consigo as subjetividades e as sociabilidades. Esse contexto motivou a revisão de paradigmas disciplinares, teorias e conceitos, como os de “identidade”, “cultura” e “pertencimento”, entre outros. Como consequência, as metodologias também têm sido repensadas para contemplar a diversidade dos modos de ser e estar contemporâneos, cada vez mais perpassados por dinâmicas em rede. Este, que não é um traço exclusivo das migrações, comporta efeitos profundos naqueles cujas vidas são atravessadas por mais de um referencial nacional, cultural, religioso, entre outros.

Os deslocamentos, não apenas os físicos, que integram a mobilidade humana levam seus atores a aderirem a múltiplos territórios, algo que se materializa nos relacionamentos cotidianos e nos projetos pessoais. Em uma conjuntura anterior às tecnologias digitais, Sayad (1998) já destacava as diferentes formas de comunicação – como a carta escrita, as notícias transmitidas por intermediários e as gravações em fita cassete – que sustentavam as relações entre os migrantes argelinos, seus parentes e compatriotas. Embora contínuo, em uma realidade estruturada pela imigração pós-colonial, esse contato não era dos mais regulares, pois dependia dos serviços postais ou das viagens dos migrantes. Assim, a distância geográfica, a precariedade e os elevados custos envolvidos no uso das mídias historicamente se constituíram em obstáculos à manutenção de quadros afetivos originários.

Se, graças às limitações técnicas da época, a tendência era que o migrante se distanciasse do país de origem quando se ajustasse ao novo meio, hoje é evidente como esse “corte umbilical” se tornou mais difícil. Nesse sentido, Elhajji e Escudero (2016) observam que a internet vem sendo utilizada como “um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas” (p. 338). Os autores propõem o conceito de “webdiáspora” para designar o conjunto de iniciativas, como sites, blogues, grupos e páginas nas redes sociais, criadas e frequentadas por migrantes. A noção é abordada sob uma perspectiva comunitária, abrangendo os diversos usos e apropriações tecnológicas nesses contextos. Na literatura internacional, termos correlatos, como “e-diaspora”, “diaspora networks” e “digital diáspora”, são adotados pelo menos desde os anos 1990 (Elhajji & Escudero, 2016, p. 355).

Além de sustentarem os vínculos com o país de origem, as mídias digitais são também de grande serventia para o projeto migratório, desde a decisão de migrar até a inserção no lugar de destino. As possibilidades inauguradas pelas tecnologias são, ainda, analisadas sob as lentes da mobilização política, dos associativismos e da cidadania comunicativa (Cogo, 2010; Cogo & Pássaro, 2017; Cogo & Santos, 2022). Essa corrente destaca a forma em que os migrantes se organizam online para intervir tanto nos rumos da sociedade de origem, como os cubanos no Twitter

(Cogo & Santos, 2022), quanto nos da sociedade de destino, construindo discursos contra-hegemônicos. Tal é o caso do estudo de Cogo e Pássaro (2017), que retrata como haitianos criam grupos e perfis no Facebook para visibilizar suas demandas cidadãs no Brasil, entre processos de documentação, acesso à saúde e à educação, fora as denúncias de racismo.

Em síntese, esse acúmulo de pesquisas aponta que a experiência migrante, hoje, é substancialmente a de um migrante conectado. Adotamos aqui a expressão de Diminescu (2020) para descrever toda pessoa em mobilidade equipada por um dispositivo capaz de inaugurar múltiplas formas de presença. A presença, tal como a ausência, é compreendida não como um estado, mas sim como um processo contínuo “que caracteriza como as pessoas afetam e são afetadas pelas situações em que estão envolvidas” (p. 75). Superam-se, assim, distâncias e lacunas antes geradas pelo deslocamento, explicitando como as tecnologias vêm a modificar o próprio significado do ser migrante. A formação de dinâmicas identitárias e comunitárias no meio digital, por sua vez, demanda um olhar metodológico que considere as migrações tanto a partir das trajetórias como da sua rastreabilidade:

no caso de trajetórias, os movimentos de indivíduos e grupos do ponto A ao ponto B são avaliados – e seus significados descobertos – digamos, por meio de dados demográficos e estatísticas, e por meio de entrevistas individuais. No caso de rastreabilidade, um esforço adicional é feito para entender os fluxos complexos de informações e as redes tecidas por meio de interações diárias com o país de origem, o país anfitrião e outros membros da diáspora. (Diminescu & Loveluk, 2014, p. 24)

Novos Contextos, Novas Etnografias?

O destaque dado por Diminescu e Loveluk (2014) aos rastros digitais deixados pelos migrantes implica a necessidade de incorporar novos métodos à análise de dinâmicas que estruturam o contexto migratório atual. Longe de se limitar a este campo específico, a gradativa entronização de tecnologias e de suas ambiências na vida comum elevou o estatuto da comunicação – enquanto fenômeno e enquanto ciência até então desprestigiada – a outro patamar (Sodré, 2014). Os esquemas cognitivos e perceptivos, as formas de subjetividade e sociabilidade são infiltrados pelas mídias e, nesse intercâmbio, alterados. Essa crescente modulação de hábitos e costumes por dinâmicas enredadas no virtual, por sua vez, também atraiu a atenção das demais ciências humanas e sociais. Uma das disciplinas interessadas em entender o que estava acontecendo é a antropologia (Cesarino et al., 2023).

A visão da *web 1.0* como um “ciberespaço” direcionou as primeiras abordagens etnográficas no sentido de apreender estruturas então emergentes, como grupos de discussão, salas de bate-papo em tempo real e jogos online (Hine, 2015), além de figuras como *geeks*, *hackers* e blogueiros (Cesarino et al., 2023). Entretanto, com a difusão global da internet e sua ocupação por grupos distintos, tornou-se patente a diversidade das práticas encontradas, o que levou ao entendimento acadêmico

de que não era um domínio apartado da vida cotidiana². Dois autores inaugurais na concepção dessa relação dialética foram Miller e Slater (2000), em *The Internet. An Ethnographic Approach* (A Internet. Uma Abordagem Etnográfica). Buscando descobrir o que a internet significava, de forma particular, em Trinidad, o estudo é considerado inovador para a época por se afastar da pretensa dicotomia entre os mundos on e offline.

Outra precursora na área foi Christine Hine, responsável por explorar a transferência de conceitos como “campo” e “observação participante”, além de propor o termo “etnografia virtual”. No livro homônimo, Hine (2000) indicava que a internet, enquanto objeto de estudo, era concebida como cultura ou artefato cultural. A primeira perspectiva discutia a internet como “um lugar, ciberespaço, onde a cultura é formada e reformada” (p. 9), a partir de identidades alternativas, desvinculadas do mundo físico. Já a segunda destacava a inserção da internet no cotidiano, interpretando-a como passível de apropriação e como repositório de significados contextuais. Em um cenário de crescente digitalização da vida, essa segunda vertente ganharia em pertinência por considerar a internet como um fenômeno relacional e situado.

Anos depois, Hine (2015) aborda uma internet bem diferente daquela estudada em *Virtual Ethnography* (Etnografia Virtual). Se, nos primórdios, a *web* era um meio onde se “entrava” e alguns acreditavam ser possível “abandonar o próprio corpo”, hoje ela se tornou um espaço fundamental de expressão subjetiva. Isto é, à medida que mais atividades socialmente significativas são digitalizadas, antigas divisões e separações vão sendo desfeitas. Assim, a internet contemporânea é sintetizada por Hine em três “E”: *embodied* (incorporado), *embedded* (integrado) e *everyday* (cotidiano). Ela é um domínio tão integrado à vida que se tornou parte de nós mesmos (Hine, 2015), das formas como construímos identidades, relações e agimos no mundo. Para os etnógrafos, isso suscita o desafio de manter o olhar crítico diante de infraestruturas já naturalizadas (Cesarino et al., 2023).

Nesse sentido, a adaptação da etnografia a contextos digitais demanda alguns cuidados, como não se dispensar o envolvimento prolongado com o campo. É por isso que Hine (Braga, 2012) elenca, entre os fundamentos a serem neles mantidos, a dedicação “ao processo de familiarização, ao olhar em torno e explorar o fenômeno sob todos os ângulos, tentando entender o que ele é, para quem existe e como é vivenciado” (p. 4). A atenção à experiência, por sua vez, convoca o exercício da reflexividade etnográfica, isto é, a necessidade de refletir “constantemente sobre o que sabemos e como o sabemos” (p. 4). Na internet, essa reflexão adquire maior relevância na medida em que o que se observa é moldado e trazido à tona por nossas ações (Hine, 2015), por meio de algoritmos, motivo pelo qual a reconstituição dos passos através dos quais elaboramos uma etnografia entre plataformas se faz oportuna.

2 No Brasil, a crescente sinergia entre a vida social e as tecnologias também foi largamente explorada pelos chamados estudos de cibercultura, que podem ser considerados como sementes dos atuais campos da sociologia digital, humanidades digitais, estudos de plataforma, entre outros (Lemos, 2023).

Ao Encontro do Migrante Influenciador

Partindo de um projeto aberto de investigação de narrativas migrantes nas redes sociais, o campo etnográfico da referida pesquisa se iniciou em um canal específico do YouTube. Sua administradora se caracterizava por divulgar outros produtores de conteúdo venezuelanos residentes no país e convidar seus seguidores a apoiá-los. Tal gesto nos fez conhecer perfis utilizados por migrantes para falar sobre suas experiências de mobilidade, em alguns casos, monetizando esse conteúdo. Tratava-se de um fenômeno até então pouco explorado: o uso individual de perfis para compartilhar trajetórias em busca de visibilidade; não apenas como meio de expressão identitária, mas também como possível subsistência. Nesse sentido, o próprio hábito dos *youtubers* de solicitar que o público os acompanhem levou a pesquisa a mover-se entre plataformas, o que conduziu a uma etnografia multissituada (Marcus, 1995, 2012).

Ainda que não concebida à luz das especificidades do virtual, a proposta multissituada está diretamente vinculada à interconectividade do mundo globalizado, que, por meio de sua difusa circulação de significados, demandaria novas noções de campo etnográfico. Referência fundamental nesta discussão, George Marcus (1995) enxerga a etnografia multissituada como fruto de um diálogo interdisciplinar, influenciado pelos estudos de mídia, de ciência e tecnologia e estudos culturais. Partindo da perspectiva do “sistema-mundo”, o autor define a etnografia multissituada como um deslocamento da observação intensiva em um único local para “seguir” conexões e associações. Como exemplos dessa construção, ele cita como norteadores elementos não espaciais ou transgeográficos, como pessoas – tidas como particularmente férteis nos estudos migratórios –, objetos, biografias e metáforas.

Em trabalho posterior, no qual examina a aplicabilidade e em que sentidos a etnografia multissituada diverge do estilo clássico, Marcus (2012) sugere uma reformulação radical das premissas malinowskianas, se afastando do “exercício de mapeamento de terreno” (Marcus, 1995, p. 99) definido anteriormente. No lugar de rastrear processos já conhecidos e expressos na literatura acadêmica, de acompanhar uma cadeia produtiva ou uma rede migratória, Marcus vai conceber o campo multissituado como um produto de “colaborações estratégicas” (Marcus, 2012, p. 23). A etnografia multissituada se distinguiria, assim, por incorporar mais de um lugar de observação, tomando como guia os pontos de vista dos participantes, que passam a orientar o percurso do etnógrafo em uma proposta colaborativa na qual suas escolhas derivam desse engajamento. Ganha, portanto, destaque a habilidade de mover-se e de estar junto.

Nossa pesquisa aderiu à abordagem multissituada por considerá-la a mais adequada para investigar as conexões tão caras ao universo virtual. A construção do campo a partir do movimento surgiu naturalmente neste percurso, já que a própria arquitetura digital favorece a navegação em moldes de *flâneur* (Leitão & Gomes, 2017). Aliado a isso, o próprio desejo dos influenciadores de ampliar suas audiências, expresso na convocação para “seguir”, impulsionou a procura de novos perfis. Nesse mapeamento exploratório, catalogamos as parcerias mencionadas nos vídeos do primeiro

canal encontrado e as indicações de outros canais nos comentários. Adicionalmente, acrescentamos a expressão “venezuelanos no Brasil” e suas variantes, recorrentes na forma de *hashtags* e também de autodenominação dos *youtubers* em seus vídeos, bios e murais, como critério de busca pelos canais.

Por meio desse levantamento preliminar, foram identificados 47 canais criados por venezuelanos para compartilhar suas experiências no Brasil. Tal escopo era demasiado abrangente para uma pesquisa qualitativa, na qual também se pretendia promover momentos de interlocução direta. À vista disso, passamos a monitorar apenas os canais ativos com no mínimo 10 mil inscritos, considerando que a popularidade revela a importância dada à rede social, além de propiciar uma quantidade significativa e atualizada de dados para análise. A observação desses perfis resultou em um diário de campo, com *insights* e percepções gerais. Contudo, a necessidade de obter a autorização de acompanhamento e marcar as entrevistas logo sinalizou que a amostra definitiva seria tributária não apenas da nossa intenção de incluir determinados participantes, mas da agenda e vontade pessoal dos próprios.

A interpelação dos informantes também estendeu o trabalho de campo para o Instagram, uma vez que o YouTube não possuía nenhum meio de mensagens privadas e os e-mails fornecidos nas bios não foram eficazes. Os primeiros contatos, realizados através do chat e, depois, por videochamada, possibilitaram a mediação dos convites de participação junto aos influenciadores mais próximos, resultando em um recorte formado por cinco perfis de redes sociais e seis interlocutores, já que um deles era mantido por um casal. A inclusão do Instagram também foi útil para um acompanhamento mais intenso dos migrantes, que o utilizavam mais do que o YouTube. Outra vantagem foi a possibilidade de nos manter atualizados sobre o ecossistema (van Dijck, 2013) midiático venezuelano como um todo, em razão dos perfis serem alimentados por conteúdos provenientes de outras plataformas, como o TikTok.

Desafios e Possibilidades do Digital na Interface Comunicação-Migrações

Recuperando o propósito do texto de promover uma reflexão fundamentada em nossa experiência concreta de pesquisa, em diálogo com a literatura, propomos, a seguir, uma análise em torno de três eixos de desafios e possibilidades que o ambiente digital apresenta aos estudos que mobilizam o par comunicação/migrações desde uma perspectiva etnográfica.

Calibrando Escalas, Situando o Campo

As etnografias do/no digital se complexificam quando nos damos conta da natureza personalizada e fragmentada das interações observadas (Cesarino et al., 2023). Enquanto abordagem participativa, a etnografia pressupõe o envolvimento ativo com um grupo, a fim de descobrir o que certas práticas lhes significam. Entretanto, a internet torna o nosso senso de espaço mais nebuloso, e que impõe ao etnógrafo o desafio

de identificar onde as atividades nas quais ele deverá se engajar podem ser encontradas. Pois, diferente de uma comunidade remota, onde a cultura do “outro” poderia, *a priori*, ser localizada e descrita, conforme o paradigma clássico da antropologia, o online exhibe quadros de elaboração de sentido muito diferentes entre si, tendo em vista a diversidade de usos e experiências construídas em e a partir de tais ambiências.

O atual alcance das tecnologias demanda uma recalibração das escalas etnográficas, a fim de contemplar outros possíveis filtros que se revelem pertinentes à compreensão dos fenômenos analisados. Nesse sentido, a relativa desterritorialidade da internet permite ao etnógrafo incluir participantes, que, em outros contextos, seriam inacessíveis. Isso se mostrou evidente em nossa etnografia, na qual foi possível contatar migrantes situados em cidades de norte a sul do Brasil, em um cenário pandêmico, no qual a circulação pelas ruas ainda não era segura, quanto mais viajar entre estados e regiões. Para além de otimizar tempo e recursos com eventuais deslocamentos, esse arranjo propiciou contrastar situações observadas ao redor do país, o que poderia embasar estudos comparativos ainda mais abrangentes, focados, por exemplo, na realidade vivida por um mesmo grupo nacional em diferentes continentes.

Além de cumprir tal vocação antropológica, as etnografias do/no digital apresentam, como vantagem peculiar aos estudos em migração, a possibilidade de manter um contato prolongado, mesmo diante de novas mobilidades, nas idas e vindas entre os países de residência e origem, conforme vivenciamos, ou até deslocamentos para um terceiro país. Se mudanças de endereço e telefone costumam ser obstáculos comuns a pesquisas com pessoas, no caso das pessoas em situação migratória, a internet viabiliza acompanhá-las em movimento. A análise de dinâmicas de subjetivação e sociabilidade migrante online, além do mais, também contribui para desestabilizar concepções fixas de identidade e cultura, na medida em que revela a propensão desses grupos a se afirmarem em torno de um referencial extra-estatal, negociando pertencimentos múltiplos (Elhajji & Escudero, 2016).

Vislumbrar as conexões entre real e virtual e, dentro deste, os diferentes espaços nos quais se transita, também exige contestar a suposição de que os objetos de pesquisa existem de maneira alheia ao pesquisador. O campo etnográfico se desloca, assim, de uma visão reificada para abraçar a qualidade de caminho, que é modulado pelas capacidades, limitações, interesses e colaborações em jogo. No caso das etnografias digitais, contudo, cabe notar que a paisagem apresentada é resultado de dois tipos de agências: as humanas e as maquínicas. A cada interação, os algoritmos fazem com que atualizações sobre aquele conteúdo ou usuário apareçam nas telas, norteando o que vemos e como vemos. Esses impactos devem ser considerados pelo pesquisador, uma vez que tais tecnologias não são neutras e direcionam os resultados em sentidos que excedem o seu controle (Fragoso et al., 2011).

Se Engajando com os Interlocutores

Dada a esperada imersão da prática investigativa e a correlata profundidade do seu relato, o etnógrafo se vê incitado a vincular-se, a negociar e a conquistar a confiança

dos seus interlocutores, pois só assim ele conseguirá tornar quadros conceituais, *a priori* inacessíveis, compreensíveis. Com as etnografias em contextos digitais, não poderia ser diferente. A maior diferença em comparação às abordagens face a face talvez seja o fato de que, na internet e, em especial, nas redes sociais, há, de antemão, uma riqueza de informações e registros sobre a vida privada disponibilizados de maneira pública. A possibilidade de observar grupos e pessoas sem uma interpelação explícita, por sua vez, levanta o debate quanto ao grau de inserção do pesquisador no campo e às consequentes implicações éticas desse processo.

Autores como Fragoso et al. (2011) e Polivanov (2013) classificam o lugar ocupado pelos etnógrafos virtuais em dois extremos de interação: *lurkers* e *insiders*. Os *lurkers* se beneficiam do anonimato permitido em certas ambiências para participar como observadores que interferem o mínimo possível, porém cuja “presença, ainda que não anunciada, afetará o objeto de estudo” (Polivanov, 2013, p. 64). Já os *insiders* são definidos por moldarem a “narrativa etnográfica com a inserção de elementos autobiográficos e seu pré-conhecimento e/ou participação da cultura” (Fragoso et al., 2011, p. 193). Neste caso, o pesquisador já estaria inserido no grupo analisado ou teria ligações próximas com ele. Cabe ressaltar que cada posição carrega prós e contras e não deve ser vista como estanque, sendo possível flutuar estrategicamente entre diferentes níveis de proximidade e distância.

Tal foi a posição construída em nossa etnografia, situada em um lugar intermediário no espectro de participação. De fato, o acompanhamento dos perfis só se deu quando a pesquisa foi iniciada e, embora já utilizássemos as respectivas plataformas para fins pessoais, estávamos longe de estar em território familiar. A passagem do estatuto de *outsider* para o de seguidora levou, inicialmente, a uma postura mais passiva e silenciosa. Consideramos que era preciso apreender “as dinâmicas de funcionamento, valores e regras sociais antes de se manifestar” (Polivanov, 2013, p. 64) publicamente, a fim de desenvolver uma sensibilidade mais acurada e evitar deslizes. Porém, à medida que as relações foram estabelecidas, sobretudo a partir das entrevistas, conquistei também confiança para interagir com os participantes por meio de curtidas, comentários e mensagens no chat privado.

Embora a observação participante tenha sido o principal procedimento do trabalho, as entrevistas em profundidade, conduzidas segundo um modelo semiestruturado, revelaram-se igualmente um recurso valioso nesta investigação. Todas elas foram longas e pensadas como um momento de escuta em que se priorizava compreender as perspectivas e biografias dos migrantes. As entrevistas também foram oportunas para receber sugestões de novos possíveis entrevistados e de plataformas que poderiam ter sido incluídas na análise; esclarecer termos e posturas recorrentes nas postagens e que se mostravam obscuros para nós; e, em suma, trocar e partilhar, onde foram expostas as interpretações correntes ao questionamento alheio (Braga, 2012). Algo que, em nossa visão, só foi possível graças à postura receptiva a interpelações adotada, bem como o formato síncrono em que tais conversas se deram, através de videochamadas.

A aproximação aos participantes; a autorização para coleta de dados; a opção por complementar informações via interlocução direta, em entrevistas e conversas informais; a escolha de um modelo dialógico de entrevista; e, por fim, a sua realização em tempo real, propiciando maior espontaneidade, foram algumas das estratégias utilizadas para evitar esquecer o “real” no qual a pesquisa se inseria. Nesse sentido, um desafio particular aos estudos em migração é a necessidade de conectar rastros digitais a trajetórias transnacionais (Diminescu & Loveluk, 2014), relacionando experiências pessoais a mais de um contexto sociocultural. Acompanhar notícias sobre as leis migratórias do país de destino, conhecer a realidade do país de origem e dominar a língua nativa são elementos que merecem a atenção dos “migrantólogos”³ em geral e, em especial, dos que fogem à abstração do digital.

Coletando e Registrando os Dados

Um dos principais desafios da etnografia diz respeito à coleta, ao registro e à sistematização dos dados, cuja natureza, nos meios digitais, apresenta rupturas importantes em relação às interações face a face. Se nestas tudo o que se vê, sente e ouve pode virar material analítico; no online são os textos, imagens, vídeos, links, *hashtags*, entre outros, os elementos significativos. Diante da abundância de dados nesses contextos, tem sido cada vez mais frequente adotar softwares para o seu processamento. No entanto, acreditamos que etnografias devem manter um enfoque prioritariamente qualitativo, motivo pelo qual restringimos nosso recorte a um conjunto de perfis selecionados em plataformas e períodos específicos. Essas escolhas nos permitiram aprofundar no fenômeno dos migrantes influenciadores a partir de uma pequena amostra, que poderia ter sido complementada por técnicas computacionais, não testadas por nós.

Na internet, o grande volume de informações publicizadas ao mesmo tempo, que favorece a iniciação precoce do etnógrafo no universo de estudo, também complexifica o seu trabalho de organização. É aí que entra em cena a relevância do diário de campo e de outras formas de registro, que permitam documentar os passos da pesquisa, as dúvidas e as reflexões, retendo os elementos essenciais para a análise. Nas etnografias digitais, o diário de campo pode assumir um “rosto” diferente, indo além das anotações para incluir também recursos multimídia como capturas de tela e links. No nosso caso, o diário foi mantido desde o início em pastas organizadas cronologicamente, contendo arquivos textuais e imagéticos. Já durante a escrita da dissertação (Lyra, 2023b), optamos por classificar as capturas de acordo com as categorias de análise, de maneira a facilitar a sua reprodução no texto final.

É importante destacar que a organização das dinâmicas observadas não foi uma prática contínua desde o início da investigação. Isso se deveu, em parte, à possibilidade de acessar experiências passadas e armazenadas como postagens nas redes sociais, o que, de um lado, libera o etnógrafo da preocupação de registrar eventos durante o seu desenrolar. Do outro lado, trata-se de um artifício que cria uma estabilidade ilusória, já que qualquer conteúdo pode ser facilmente editado ou apagado.

3 Nos referimos aos estudiosos do fenômeno migratório, em suas diferentes perspectivas disciplinares.

Essa efemeridade do virtual se explicitou com a desativação do canal do YouTube, que deu início ao trabalho de campo, levando-nos a reforçar um senso de urgência para minimizar perdas. Outros fatores relevantes dizem respeito à fragilidade humana, diante da dinâmica acelerada das redes, e à dificuldade de separar os momentos de uso recreativo das plataformas daqueles voltados à pesquisa.

A opção de não criar novas contas gerou, sobretudo no Instagram, o embaralhamento automático das atividades dos participantes com as interações dos nossos contatos pessoais. Essa sobreposição conferiu ao estudo um caráter ambiental, no sentido de que a experiência como etnógrafa era a de uma usuária imersa em uma bolha específica – a dos migrantes venezuelanos no Brasil –, sem, contudo, ser uma. Por outro lado, essa condensação de papéis em um só lugar borrava as fronteiras entre lazer e trabalho, de modo que a solução encontrada para evitar esquecimentos era fazer *prints* de postagens relevantes e, se não fosse possível na hora, registrá-las depois no diário de campo. De toda forma, a chance de revisitá-las favoreceu a compreensão de palavras e expressões ditas em espanhol ou em português com sotaque carregado, que poderiam ter se perdido com mais facilidade em interações ao vivo.

Considerações Finais

À medida que as tecnologias digitais se transformam vertiginosamente, surgem novos desafios para averiguar o que tais mudanças representam para as cenas de pesquisa e para a vida social como um todo. Neste artigo, refletimos sobre algumas dificuldades e oportunidades que as etnografias no/do digital trazem para os estudos situados no encontro entre a comunicação e as migrações, tomando por base nossa experiência de pesquisa. Com isso, o objetivo não era sugerir soluções aos moldes de um manual, senão colocar em perspectiva elementos vivenciados na prática e que, esperamos, possam servir a estudos futuros. Este caminho revela a necessária adaptabilidade diante de adversidades e, sobretudo, a reflexividade em relação às condições de produção etnográfica, incluindo o desafio de situar o campo em termos sociotécnicos, sem perder de vista os contextos mais amplos – neste caso, transnacionais – nos quais a atividade online é simbolicamente revestida.

No que se refere a tais condições, cabe destacar a opacidade dos sistemas de recomendação algorítmica, que afetam tanto os criadores de conteúdo (como discutido em nosso estudo original; Lyra, 2023b), quanto os próprios etnógrafos, cujo trabalho é igualmente moldado por tais agenciamentos. É necessário atentar, além do mais, para as maneiras pelas quais os rastros digitais deixados pelos imigrantes, ricos para as nossas pesquisas, também têm sido utilizados para fins de vigilância e controle, levando à negação de vistos, detenções e deportações com base no monitoramento de redes sociais, como tem se visto nos Estados Unidos recentemente (Trinca, 2025). Nesse sentido, fica evidente que o domínio do funcionamento das plataformas digitais é essencial para traçar estratégias metodológicas adequadas, contudo, insuficiente para lidar com o que consideramos mais relevante: a sensibilidade com o “outro” que existe para além das telas.

Referências

- Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização*. (T. Costa, Trad.). Teorema. (Trabalho original publicado em 1996).
- Braga, A. (2012). Etnografia segundo Christine Hine: Abordagem naturalista para ambientes digitais. *E-Compós*, 15(3), 1–8. <https://doi.org/10.30962/ec.856>
- Cesarino, L., Walz, S., & Balistieri, T. (2023). Etnografia na ou da internet? Desafios epistemológicos e éticos do método etnográfico na era da plataforma. *Metodologia e Relações Internacionais. Debates Contemporâneos*, (4), 17–46.
- Cogo, D. (2010). A comunicação cidadã sob o enfoque transnacional. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 33(1), 81–103. <https://doi.org/10.1590/rbcc.v33i1.148>
- Cogo, D., & Pássaro, M. (2017). A “foto roubada”: Mídias, visibilidade e cidadania da imigração haitiana no Brasil. *E-Compós*, 20(1), 1–23. <https://doi.org/10.30962/ec.1318>
- Cogo, D., & Santos, D. (2022). #Nosomosdesertores: Activism and narratives of the Cuban diaspora on Twitter. *International Journal of Communication*, 16, 5603–5625.
- Diminescu, D. (2020). Researching the connected migrant. In K. Smets, K. Leurs, M. Georgiou, S. Witteborn, & R. Gajjala (Eds.), *The SAGE handbook of media and migration* (pp. 74–78). SAGE.
- Diminescu, D., & Loveluck, B. (2014). Traces of dispersion: Online media and diasporic identities. *Crossings: Journal of Migration & Culture*, 5(1), 23–39. https://doi.org/10.1386/cjmc.5.1.23_1
- Elhajji, M., & Escudero, C. (2016). Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva. *Revista Observatório*, 2(5), 334–363. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p334>
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Sulina.
- Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. SAGE.
- Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury.
- Leitão, D., & Gomes, L. (2017). Etnografia em ambientes digitais: Perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, (42), 41–65. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>
- Lemos, A. (2023). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Sulina.
- Lyra, J. (2023a). Novas faces de uma webdiáspora: Das reivindicações coletivas à visibilidade individualizada. In *Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 1–15). Intercom.
- Lyra, J. (2023b). *Ser migrante, tornar-se influencer: Visibilidade, inspiração e estratégias de pertencimento da migração venezuelana no Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49580>
- Lyra, J., & Zanforlin, S. (2023). Mídia, migração e neoliberalismo: Análises sobre a experiência de mobilidade apresentada como empreendimento de sucesso e inspiração. In *Anais do 32º Encontro Anual da Compós* (pp. 1–22). Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
- Lyra, J., & Zanforlin, S. (2024). Trabalho por plataformas e migrações contemporâneas: O migrante influenciador como caso de estudo. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 23(46), 115–127. <https://doi.org/10.55738/alaic.v23i46.1135>
- Marcus, G. (1995). Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24(1), 95–117. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>
- Marcus, G. (2012). Multi-sited ethnography: Five or six things I know about it now. In S. Coleman & P. von Hellermann (Eds.), *Multi-sited ethnography: Problems and possibilities in the translocation of research methods* (pp. 16–33). Routledge.

Miller, D., & Slater, D. (2000). *The internet: An ethnographic approach*. Berg Publishers.

Polivanov, B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? *Implicações dos conceitos. Esferas*, (3), 61–71. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i3.4621>

Sayad, A. (1998). *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. (C. Muracho, Trad.). Edusp.

Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: Notas para o método comunicacional*. Vozes.

Trinca, M. (2025, 22 de abril). *Vigilância das redes encontra as fronteiras físicas nos Estados Unidos*. ComCiência. <https://www.comciencia.br/vigilancia-das-redes-encontra-as-fronteiras-fisicas-nos-estados-unidos/>

Van Dijck, J. (2013). *The Culture of Connectivity: A critical history of social media*. Oxford University Press.